

HUMOR, TENSÃO E RISO: A IRONIA HUMORESQUE EM AS AVENTURAS DE PINÓQUIO DE CARLO COLLODI

Angela Célia Moreno Nunes Guerra (FAPEMIG/ UFU)

guerramoreno16@gmail.com

Resumo: Através deste trabalho, temos como objetivo expor os primeiros resultados das nossas primeiras análises referentes ao projeto de iniciação científica, ainda em sua fase inicial, intitulado “Era uma vez o lúdico e a ironia em *As aventuras de Pinóquio* de Carlo Collodi”, cujo objetivo é propor um estudo não muito comum no âmbito da literatura, que se refere à pesquisa acerca da ironia na literatura infantil. O corpus do nosso projeto é a obra de Carlo Collodi *As aventuras de Pinóquio*. Com o nome de “História de um boneco”, as aventuras da marionete Pinóquio de Carlo Collodi eram publicadas em um jornal italiano para crianças, *Giornale dei Bambini*. Desde o início, as histórias do boneco de madeira chamaram a atenção dos pequenos. Foi no ano de 1883, que Collodi publicou um livro com a história completa do boneco, com o nome de *As aventuras de Pinóquio*. Associada ao lúdico, a ironia em *As aventuras de Pinóquio* parece ter como objetivo manter a ambiguidade, tendo muitas vezes como resultado o riso. Ao falar da ironia em questão, a humoresque, Duarte (2006) diz que o objetivo dessa ironia é “manter a ambiguidade e demonstrar a impossibilidade de estabelecimento de um sentido claro e definitivo” (2006, p.18).

Palavras Chave: ironia humoresque, literatura infantil, lúdico.

As Aventuras de Pinóquio começou a ser publicada em 1881 com o nome de *História de um boneco* (*Storia di un buratino*) em um jornal italiano, chamado *Giornale dei Bambini*, destinado às crianças. Após desentendimentos entre o autor Carlo Collodi e o diretor do jornal a história parou de ser publicada, porém, como havia conquistado o público infantil, o autor foi convidado a retomar as histórias da marionete. Em 1883, Collodi reuniu toda a história em um livro, surgindo então uma das obras primas da literatura infantil, *As aventuras de Pinóquio*, que com mais de um século de existência, continua incitando leitores, críticos e estudiosos da literatura infantil.

Essa obra de Carlo Collodi é o *corpus* do nosso projeto de iniciação científica, ainda em andamento, intitulado “Era uma vez o lúdico e a ironia em *As aventuras de Pinóquio* de Carlo Collodi”. Temos como objetivo através desse projeto analisar a ironia na obra *As aventuras de Pinóquio* de Carlo Collodi e sua relação com o lúdico. Para atingirmos tais objetivos, iremos estudar os conceitos de Literatura Infantil, rever os conceitos de literatura e também analisar os conceitos acerca da ironia. Iremos expor, então, no presente trabalho, os primeiros resultados das nossas análises iniciais.

Antes de iniciarmos com nossos primeiros resultados, utilizando-nos das palavras de Coelho (2000), consideramos que “A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte” (p.27), e é por isso que pensamos que a literatura infantil, assim como a literatura dita para adultos, é um campo também propício à ironia, pois é na literatura, onde a linguagem não tem significados fixos que, conforme Duarte (2006), a ironia encontra seu espaço. Nas palavras de Duarte (1994) “...reflete-se sobre a literatura como campo propício para o fingimento e, portanto, para ironia e o humor”(p.54).

Em nossas primeiras análises pudemos observar a presença do lúdico na obra em questão. Estaria a ironia, na obra de Collodi, relacionada a esse caráter lúdico? De acordo com Pereira (2008), a palavra lúdico liga-se à poesia, à arte, à construção e desconstrução da realidade. Acreditamos que é esse brincar com as palavras – o fazer e desfazer, o fazer por gosto objetivando nada mais do que o próprio prazer de fazê-lo, o jogo desinteressado – que viabiliza a ironia na obra em questão.

Duarte (2006) diferencia dois graus que evidenciam formas e funções da ironia, um primeiro, que segundo a autora diz respeito à ironia que quer ser vista como tal, e outro, um segundo grau de ironia, que é a ironia que tem como objetivo manter a ambiguidade e mostrar a impossibilidade de estabelecimento de um sentido claro e definitivo. Acreditamos que a ironia em Pinóquio não tem como objetivo defender uma ideologia ou estabelecer uma verdade única, mas sim manter a ambiguidade, o que nos leva a crer que a ironia na obra em questão parece estar mais relacionada ao que Duarte classificou como Ironia Humoresque. Ao comparar à ironia humoresque com a ironia retórica a autora diz que:

A ironia *humoresque*, diferentemente, é demoníaca: amorosa, séria, usa sempre a leveza e fica entre a tragédia e a comédia, dizendo que nada é tão grave quanto cremos, nem tão fútil quanto julgamos. Assim como o humor não existe sem o amor, não há ironia *humoresque* sem alegria e lucidez. (DUARTE, 2006, p. 37) [grifos do autor]

Podemos presenciar a ironia em *As Aventuras de Pinóquio* bem no início da obra quando Gepeto manda o boneco para a escola, e em vez de ir para escola, Pinóquio, seduzido por uma música de pífaros, decide não ir para escola, afinal “para ir para escola sempre tem tempo” (COLLODI, 2002, p.35). Pinóquio vai para o circo, e chegando lá reencontra seus amigos marionetes que estavam brigando, no momento em que Pinóquio entra no circo.

A plateia, atenta, quase passava mal de tanto rir, ao ouvir o bate boca daqueles bonecos que gesticulavam e se xingavam de todo insulto de maneira tão verídica, como se fossem realmente dois animais racionais e duas pessoas deste mundo. (Collodi,2002, p.37)

A ironia, no trecho acima, não tem como objetivo estabelecer uma verdade ou defender uma ideologia, mas sim manter a ambiguidade, tendo como consequência o riso. O comportamento vergonhoso dos bonecos que se xingavam e se insultavam os fazem ser comparados como “dois animais racionais deste mundo”, ou seja, os seres humanos.

A ironia ocorre também através da quebra de expectativas. Depois que Pinóquio sai do circo, e se livra de ser queimado, ele em vez de ir para casa vai, com o gato e a raposa, plantar suas moedas (moedas que havia ganhado do dono do circo) no campo dos milagres, só que enganado acaba sendo enforcado em um carvalho. A pedido da Fada, Pinóquio é retirado do carvalho. Ela chama três médicos, a coruja, o corvo e o grilo, para verificarem se o boneco estava vivo ou morto. Ficamos a espera de um diagnóstico quando obtemos como resposta ao questionamento da Fada o seguinte:

__ A meu ver, o boneco já está morto; mas, se por azar não estivesse morto, então seria um indício seguro de que ainda está vivo!
__ Lamento __disse a Coruja__ ter de contradizer o Corvo, meu ilustre colega; para mim, ao contrário, o boneco ainda está vivo; mas se por azar não estivesse vivo, então seria sinal de que está morto de verdade! (COLLODI,2002, p.58)

Essa quebra de expectativa é irônica, pois esperamos que os médicos respondam se o boneco está vivo ou morto quando na verdade só dizem coisas evidentes levando-nos, mais uma vez, ao riso. A ironia contraria o pragmatismo da linguagem. Podemos observar um jogo com as palavras contrariando a praticidade da linguagem cotidiana e convencional.

Em outro momento, podemos verificar novamente a ironia através da quebra de expectativa. Quando Pinóquio percebe que foi enganado, roubado, procura o tribunal da cidade “Pega-trouxas” para denunciar o roubo das suas moedas de ouro, vejamos:

O juiz ouviu com muita benevolência: participou animadamente do relato, enterneceu-se e, quando o boneco não teve mais nada a dizer, esticou a mão e tocou a sineta.
Ao ouvir aquela badalada imediatamente apareceram dois cães mastins vestidos de policias.

— Foram roubadas quatro moedas deste pobre diabo; pois, então, agarrem-no e o ponham logo na cadeia (COLLODI,2002, p.72).

Não é o tratamento que esperamos para uma vítima. Em vez de prender os ladrões, o juiz ordena que Pinóquio, o mais prejudicado na situação, seja preso. Tal ironia pode, conforme Duarte (2006), deixar em dúvida aquele leitor que esteja obstinado a decifrar as incoerências sem se atentar para o caráter lúdico do texto. Por que Pinóquio é preso? Afinal ele não é a vítima? Poderíamos, através de uma das leituras possíveis, ver nesse trecho uma crítica às leis, mostrando que nem sempre são justas, porém, é uma das possibilidades de leitura. A ambiguidade se mantém, não deixando de nos levar ao riso mais uma vez por esse irônico desfecho no qual a vítima em busca de socorro vai para prisão.

Novamente podemos notar a ironia quando Pinóquio, após sair da prisão na cidade “Pega-trouxas”, tenta roubar uvas em um campo e é surpreendido por um camponês. Como punição pelo roubo, o homem coloca uma coleira no pescoço de Pinóquio e o faz de cão de guarda para vigiar o galinheiro, que vinha, há tempos, sendo roubado. Pinóquio consegue pegar os ladrões e como recompensa é libertado, mas quanto aos ladrões... Vejamos o que diz o camponês:

— Enfim vocês estão nas minhas mãos! Poderia castiga-las, mas tão vil não sou! Em vez disso, vou contentar-me levá-las para o taberneiro do povo vizinho, que vai despelá-las e cozinhá-las à maneira das lebres doces e fortes. É uma honra que vocês não merecem, mas os homens generosos, como eu, não ligam para essa ninharias!... (2002, p.82)

A ironia pode ser percebida na contradição entre o que diz o camponês sobre si mesmo e o que pretende fazer com as fuinhas. Ele se diz generoso, mas em contradição ao que se espera de um ato de generosidade ele manda as fuinhas para serem despeladas e cozidas.

Após quase ter sido frito por um pescador, a marionete consegue se salvar e volta para casa da Fada, e é recebido pela Lesma, que surge na janela do quarto andar dizendo a ele que espere que “logo” ela abriria a porta. Pinóquio aguarda embaixo do lado de fora, com frio e fome quando a lesma então surge e o narrador comenta que “Aquele ágil animalzinho, a dita Lesma, para descer do quarto andar até a porta da rua, havia gastado somente nove horas. É preciso dizer que foi uma verdadeira proeza”

(COLLODI, 2012, p. 254). Como podemos perceber, a ironia em *As aventuras de Pinóquio*, aqui na voz do narrador, está mais uma vez associada ao humor, ao riso.

Pinóquio vai convidar Pávio para tomar café com leite em comemoração a sua transformação em menino que ocorreria no dia seguinte, mas em vez de voltar para casa, conforme o combinado com a Fada, vai para “País das Brincadeiras”. Podemos perceber a ironia, que aqui surge através da voz do narrador, que pode ser notada quando este descreve o “País das Brincadeiras”. O narrador “elogia” ao mostrar os erros de ortografia dos meninos.

... e em todos os muros das casas liam-se, escritas a carvão, belíssimas coisas como estas: “Viva os brinquedos” (em vez de brinquedos); “Não queremos mais iscolas” (em vez de escolas) ; “Abaixo a ritmética” (em vez de aritmética) e outras pérolas parecidas”(COLLODI,2002, p.124).

A ironia também, em *As aventuras de Pinóquio*, surge através das falas do boneco. Depois de ter sido salvo de um afogamento, Pinóquio conta, de forma resumida, toda sua trajetória para seu comprador, que pretendia usar sua pele de burro para fazer tambor.

__ Infelizmente! E paguei vinte tostões. E agora, quem vai dar-me meus pobres vinte tostões?
__ E por que o senhor me comprou? O senhor me comprou para fazer um tambor com minha pele!... Um tambor!...
__ Infelizmente! E agora onde vou encontrar outra pele?
__ Não se desespere patrão? Tem tantos burricos neste mundo!”
(2002, p.137)

Neste trecho, Pinóquio ao comentar sobre haver muitos burricos, para o comprador, aparentemente fala de animais, mas ao captarmos a ironia, na frase ambígua de Pinóquio, percebemos que Pinóquio está na verdade se referindo aos garotos como aqueles que estavam com ele no “País das Brincadeiras”.

Pinóquio prossegue o diálogo com seu comprador, mas sem mudar o tom irônico de suas falas:

__ Diga-me, moleque atrevido, e a sua história termina aqui?
__ Não__ respondeu o boneco. __ Umass poucas palavras mais, e acabou. Depois de me comprar, o senhor me trouxe para este lugar para me matar; mas, depois, cedendo a um piedoso sentimento de humanidade, preferiu amarrar uma pedra no meu pescoço e em jogar

no fundo do mar. Esse sentimento gentil é muito louvável, e eu vos guardarei eterna gratidão (2002, p.137).

Não há nada de louvável na forma como o comprador age com Pinóquio. Pinóquio ao elogiar as atitudes do homem com as palavras, “piedoso” e “gentil” está sendo mais uma vez irônico.

Duarte (2006) menciona que a ironia humoresque pode ser definida como humor, forma de sabedoria situada entre o riso e o pranto, entre a comédia e a tragédia. É o que podemos perceber até o momento em nossa análise. O riso é resultado da ironia em *As aventuras de Pinóquio*, conforme pudemos observar na comparação irônica entre o comportamento dos bonecos que se “xingavam” e o comportamento “racional” dos seres humanos. Observamos que essa ironia estava também presente no momento de tensão criado pela expectativa da espera de saber se o boneco está vivo ou não e, em outro momento, na voz do camponês enquanto este descrevia para suas vítimas a forma como seriam mortas, e também na irônica prisão de Pinóquio.

E assim prosseguem *As aventuras de Pinóquio*, irônica e humorada, em sua “carruagem cor de ar”. E a ironia, dentro desse ambiente lúdico, vem mantendo as ambiguidades, sempre com muito humor, nos levando ao riso mesmo em momentos de tensão.

Referências

COLLODI, Carlo. **As aventuras de Pinóquio**. Tradução Ivo Barroso. 2.ed. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

COLLODI, Carlo. **As aventuras de Pinóquio**. Tradução Gabriela Rinaldi. São Paulo. Ed Iluminuras, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

DUARTE, Lélia Parreira. “Ironia, humor e fingimento literário”. In: Resultado de pesquisa - Ironia e humor na literatura. Belo Horizonte, 1994.

DUARTE, Lélia Parreira. **Ironia e humor na literatura**. Belo horizonte: Editora PUC Minas; São Paulo: Alameda, 2006.